

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA  
REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS: A GUERRA NO CINEMA  
PARTE I - O CINEMA NO CAMPO DE BATALHA  
9 e 13 de fevereiro de 2023

## THE DESERT FOX / 1951 (*Rommel, a Raposa do Deserto*)

um filme de Henry Hathaway

**Realização:** Henry Hathaway / **Argumento:** Nunnally Johnson e Desmond Young, segundo o livro de D. Young / **Fotografia:** Norbert Brodine / **Direcção Artística:** Maurice Ransford, Lyle Wheeler / **Música:** Daniele Amfitheatrof / **Montagem:** James B. Clark / **Som:** Eugene Grossman, Roger Heman Sr. / **Efeitos Especiais:** Ray Kellogg, Fred Sersen / **Intérpretes:** James Mason (Marechal Erwin Rommel), Cedric Hardwicke (Dr. Karl Strolin), Jessica Tandy (Frau Lucie Marie Rommel), Luther Adler (Adolf Hitler), Everett Sloane (Gen. Wilhelm Burgdorf), Lo G. Carroll (Marechal Gerd von Rundstedt), George Macready (Gen. Fritz Bayerlein), Richard Boone (Cap. Hermann Aldinger), Eduard Franz (Cor. Klaus von Stauffenberg), Desmond Young (o próprio), John Alderson, Paul Cavanagh, Robert Coote, John Hoyt, Peter van Eyck. Michael Rennie (narrador).

**Produção:** Nunnally Johnson, para a 20<sup>th</sup> Century Fox / **Cópia:** digital, preto e branco, versão original com legendagem eletrónica em português, 88 minutos / **Estreia Mundial:** Outubro de 1951 / **Estreia em Portugal:** Tivoli, em 26 de Abril de 1952; Reposição: Monumental, em 24 de Junho de 1966.

---

Prolixo, mas hábil e competente, Henry Hathaway foi um dos melhores directores do cinema de aventuras de Hollywood nos seus tempos clássicos, e deu cartas praticamente em todos os géneros, do romântico **Peter Ibbetson/Sonho Eterno**, ao western (**Rawhide/O Correio do Inferno, True Grit/Velha Raposa**, etc), passando pelo policial de detecção (**23 Paces to Baker Street/A 23 Passos do Abismo**), o «capper movie» (**Seven Thieves/Sete Ladrões**), o «negro» (**The Dark Corner/Perdido na Sombra**) e a incursão «histórica» (**The Black Rose/A Rosa Negra**). Mas foi na aventura onde esteve sempre mais à vontade, dando ao género «colonial», uma das suas obras-primas (**Lives of a Bengal Lancer/Lanceiros da Índia**), cultivando particularmente a aventura marítima (**Souls at Sea/Almas em Perigo, Spawn of the North/Lobos do Norte** e um **Down To the Sea in Ships/Capitães do Mar** que não é indigno de um **The World in His Arms/O Mundo nos Seus Braços** de Raoul Walsh). Curiosamente o filme de guerra convencional (o que tem por cenário os campos de batalha dos dois grandes conflitos mundiais do século passado) está quase ausente da sua filmografia. Apenas dois, e à volta do mesmo tema: o que vamos ver, **The Desert Fox** e **Raid on Rommel/Os Veteranos de Tobruk**, feito vinte anos depois, em 1971. Curiosamente, também, são dois dos menos conseguidos filmes de Hathaway que, estranhamente, emperram exactamente no que o realizador sabia de melhor: o ritmo da acção. Talvez hajam razões conjunturais que expliquem isso, principalmente no caso do que vamos ver.

**The Desert Fox** é produzido no auge da «guerra fria». A oposição EUA-URSS era maior que nunca neste começo da década de 50, e havia gente nos Estados Unidos que se interrogava

se a segunda potência teria sido o «aliado» certo. A aposta dos EUA vai para uma reconstrução rápida e recuperação económica de uma Alemanha com que possa contar. Para isso era preciso «esquecer» o passado a arranjar meia dúzia de bodes expiatórios, figuras que catalisassem todas as culpas pela tragédia. Os julgamentos de Nuremberga trataram disso, mas mesmo aqui se procurou, na fase final, «despachar» rapidamente a fim de não agravar o estado de espírito da população. O cinema de Hollywood entrou também na «dança». Já em 1948 os vilões passam a ser os russos, mas é a partir de 1950 que a mudança se torna efectiva. E simultaneamente, sem se dar muito nas vistas, começa a reabilitar-se o antigo inimigo. O filme de Henry Hathaway é, deste ponto de vista, um marco. Pela primeira vez a imagem de um oficial inimigo é apresentada a uma luz diferente da que se mostrara durante a guerra e nos primeiros anos após o seu termo. (Recorde-se, a propósito de Rommel, que o marechal alemão fora já «personagem» de um filme americano feito em 1943 por Billy Wilder, **Five Graves To Cairo/Cinco Covas no Egipto**, onde Rommel era interpretado por Eric von Stroheim). A escolha de Erwin Rommel para iniciar a «revisão» justificava-se pelo prestígio do marechal junto, inclusive, das altas patentes dos aliados, pelas suas qualidades militares e pela sua estratégia, mostradas, em grande parte, na campanha do norte de África. Outra mais-valia era uma posição crítica em relação ao Führer, cada vez mais afirmada com a evolução do conflito, que o teria levado a uma participação não activa (por se encontrar de baixa devido a ferimentos) no atentado de 1944, e que determinou o seu fim. Se o argumento não toma uma forma hagiográfica, não anda muito longe, sobrevalorizando-se as qualidades e omitindo-se questões mais incómodas. De tal forma que a Wehrmacht sai, neste filme, praticamente «ilibada» do conflito que teria resultado apenas da «paranóia» do seu líder, como dela, agravada pela «ignorância» de assuntos militares, teria resultado também a derrota. Este processo de desculpabilização do Exército, e de celebração de Rommel, tem o seu apogeu 10 anos depois em **The Longest Day**. Num curioso texto publicado na «Sight and Sound» aquando da estreia do filme, Simon Harcourt-Davis, recorda algumas manchas que poderiam estragar a hagiografia do filme: que o Exército alemão foi em grande parte responsável pela chegada de Hitler ao poder, que é fácil ter-se uma imagem de guerreiro impoluto em batalhas travadas em regiões sem civis no deserto (como batalhas navais), que Rommel era o general favorito do Partido Nazi, fervoroso admirador do Führer e encarregado da sua segurança em 1939 durante a campanha da Polónia. Reduzindo a figura do marechal apenas à faceta de «guerreiro» fica já a sua imagem salvaguardada. A interpretação de James Mason vem dar uma ajuda de vulto, com a dignidade e altivez, acrescidas de um sentido trágico do seu destino, com que o actor compõe a personagem.

O próprio Hathaway parece, de certo modo, «comprometido», o que talvez explique a singular «paralisação» que o filme mostra em comparação com outros trabalhos. A sequência de abertura é, por isso, particularmente sugestiva, porque com ela Hathaway parece querer mostrar o que gostaria de fazer. A operação dos comandos britânicos em novembro de 1941 contra o quartel-general de Rommel no Norte de África, com um ritmo endiabrado, uma montagem rápida e um crescendo de acção e suspense muito bem conseguido. Trata-se, sem dúvida, da melhor sequência do filme, que é também um caso «histórico». Trata-se da primeira vez que um filme mostra toda uma sequência antes do genérico, que depois se banalizaria. Aliás a operação afasta-se de tal modo da narrativa que surge como um episódio «independente», da mesma forma como mais tarde irão aparecer as sequências pré-genérico dos filmes de James Bond, entre outros.